

# José Craveirinha Autodidacta na primeira pessoa

Por Gulamo Khan  
Fotos de  
Domingos Elias

56

Reconhecido como um dos maiores poetas vivos a escrever em língua portuguesa, José Craveirinha quebra o seu silêncio que o rodeia no mundo da sua poesia e concede-nos uma entrevista, a que ele preferiu chamar conversa.

Autodidacta na primeira pessoa, José Craveirinha diz-nos ser «testemunha deste presente falando do meu futuro que foi ontem.»



«Todo o acto revolucionário será em vão quando não tiver em si o germe, um conteúdo de amor. Quando se luta é por amor a alguma coisa» — afirma José Craveirinha

Recebe-me amável, como sempre, na sua casa a poucos passos da Mafalala suburbana, bairro que sempre cantou nos seus poemas. É um pequeno museu que guarda uma colecção representativa das artes que o poeta admira. Óleos de Bertina Lopes, Malangatana, João Paulo, José Júlio (amigos de longa data); desenhos de Relógio, Craveirinha Júnior, Chichorro e tantos outros; arte madone; escultura; cerâmica; máscaras; reproduções de telas famosas de Gauguin, Cézanne e da Guernica de Picasso, são algumas das obras que povoam paredes, estantes, a escadaria interior, todos os cantos da casa do poeta. É neste ambiente de Arte que o poeta gasta o seu tempo.

No andar de cima há mais obras expostas. E também um quarto com um colchão e almofadas forradas de capulana que é o local «sagrado»; o «templo, onde, às 2 horas da manhã ou às 4 da tarde, a qualquer hora, o poeta busca a tranquilidade que o leva à inspiração. «Penso que o poeta não tem um gabinete para escrever poesia. Ela acontece a qualquer hora e em qualquer lugar».

Sentamo-nos no colchão e nos almofadões enquanto disserta sobre os momentos de inspiração: «Acontece-me por vezes estar já deitado e surgir uma ideia. Levanto-me à procura de uma folha e começo a escrever».

É verdade, a poesia não tem horário. Penso dentro de mim e não respondo. Não vim somente conversar. Hoje quero a entrevista. Um pedido de anos.

Descemos à sala e paramos junto a uma estante onde Craveirinha guarda relíquias da literatura moçambicana encadernadas a vermelho com os títulos em dourado. Entre os sonetos de Rui de Noronha e o Godido de João Dias, salta-me à vista a Constituição da República Popular de Moçambique. Num dos cantos da estante um capacete de administrador colonial e um cofiô servem de motivo para me falar da História. E rimo-nos das coisas do passado. «Para mim não é exagero nem eufemismo — todo o acto revolucionário será em vão se não tiver em si um germe, um conteúdo de amor. Quando se luta é por amor a alguma coisa...»

Sim. Amor à terra, amor à

pátria que ele viu nascer nas primeiras horas. Amor à liberdade.

## DA INFÂNCIA AO HOMEM

Nasceu na então cidade de Lourenço Marques há 61 anos. Foi numa casa de madeira e zinco que demarca ainda hoje o local, praticamente à entrada do célebre bairro do Xipamnine, na estrada Zixaxa.

Passou uma infância igual à de todos os meninos de subúrbio mas «naturalmente que numa outra fase mais privilegiada, porque a viver com o meu pai e a madrastra, beneficii de um estatuto económico melhor».

Filho de pai algarvio, ex-português por imposição do poeta, com ideias avançadas para o seu tempo, desde muito cedo se habituou às discussões em casa, entre o pai e a madrastra, motivadas por choques e divergências de pensamento.

«O meu pai era aquilo que já se chamava naquele tempo, um bolchevista. Era um ateu e não pôs em questão os seus filhos fossem baptizados, embora frisasse sempre que quando tivéssemos consciência que fizéssemos a escolha.»

A sua mãe era uma negra de Michafutene.

A sua infância é um mundo cheio de recordações. O poeta desfilava-as com prazer durante horas.

Com um pai apaixonado pela leitura, poeta sem publicar, que lê Victor Hugo, Zola, Guerra Junqueiro e outros, aos 11 anos devora avidamente «Crime e Castigo» de Dostoyevski e os grandes clássicos da literatura portuguesa como Eça, Camilo e, inevitavelmente, Camões.

Não terá isso contribuído para que José Craveirinha se tornasse escritor?

«Possivelmente sim, possivelmente não, porque o meu irmão que é das mesmas vivências não escreve poesia nem prosa, embora redija muito bem. Não vou dizer que teria sido como que um factor genético o que determinou que eu escrevesse poesia. Poderá ter havido no subconsciente uma influência...»

Pausa. Craveirinha endireita-se melhor nas costas da cadeira e fita-me com os seus olhos bem abertos como que à espera de uma outra pergunta.

Eu quero é que me fale mais de si. Sabe que as pessoas pouco conhecem da sua formação?

«Que mais posso dizer? Muito cedo comecei a ter aquele tipo de vivências que nos dá conhecimentos da vida a partir das realidades. Nada de tirar conclusões a partir de teorias, mas a partir dos próprios problemas ou vividos ou sentidos directamente através de amigos e familiares... enfim todo aquele tipo de vivências que constitui a Universidade dos pobres...»

Mas e a escola? O que aprendeu? A cultura geral? Onde e como?

«Não pude seguir o curso liceal porque o orçamento de reformado do meu pai obrigou que eu fosse o sacrificado. Beneficiava do que o meu irmão aprendia no liceu. Através dele seguia o curso liceal em casa: Livros, cadernos, as aulas e inclusivamente os ensinamentos dos diversos professores. O meu irmão tinha um professor de português, o Dr. Jacinto de Freitas, que sem o saber era também meu professor. Mais tarde, quando soube dessa particularidade, quis-me conhecer. De resto sou aquilo a que se convencionou chamar um autodidacta.»

Portanto em termos de diploma possui apenas a quar-

ta classe e até hoje continua a ser um autodidacta...

«Eu considero que é um privilégio não só ter sido mas continuar sempre um autodidacta. Prezo-me, aliás, quase sinto um prazer, um sabor a algo que me delicia, enfrentar ainda hoje problemas e dificuldades, sempre a aprender da prática, como um genuíno autodidacta.»

## O PRIMEIRO POEMA

De repente a ironia apodera-se do poeta: «O primeiro poema? Se tu me pões a questão assim em termos cronológicos é como se ao escrevermos poesia estivéssemos a determinar o que ela irá ser e o que deverá constituir.»

Mas é importante sabermos quando o poeta iniciou o seu ofício.

«É sempre através de tentativas pueris que nós começamos. Eu comecei muito cedo a escrever. As primeiras namoradas influenciaram-me bastante porque eu achava que deveria incluir esse aspecto poético nas missivas, para convencer essas namoradas de que estava apaixonado. Aliás era moda naquele tempo: ou se tinha a capacidade de criar a própria versão dos sentimentos em poesia ou então copiava-se. E bastantes copiavam... e copiam.»

Sorri, transparecendo ainda uma certa ironia. Depois, sério, Craveirinha embala-se no mundo difícil que era naquele tempo escrever poesia. Poesia moçambicana, poesia emergindo na terra ocupada.

«O primeiro poema aparece num período em que já havia pruridos de consciência do lugar, de algo que transcendia o protesto, a queixa, o lamento. Mas a verdade é que hoje lem-



A casa de Craveirinha é um pequeno museu que inclui uma colecção representativa das artes que o poeta admira



Mafalala, um quadro do pintor Amaral. Mafalala, subúrbio que Craveirinha tão bem descreve nos seus poemas

bro poemas que marcam essa definição de que não se tratava de exibir perante outros as dores chorando mas sim, reivindicando uma qualidade, a qualidade de cidadão. Por exemplo um poema que marca esse tempo. Um poema dos anos quarenta; o Poema do Futuro Cidadão.

#### ENCONTRO COM CAROL

Entretanto, naqueles anos a poesia fazia-se em termos de desabafos que não tinham direitos de circulação. É quando se dá o encontro de Craveirinha com Noémia de Sousa «a quem faço questão de chamar minha irmã», que, por coincidência, também escrevia no anonimato e sem que tivesse a preocupação de publicar. Somente um facto imprevisível que foi a ausência de material para ocupar determinado espaço no «O BRADO AFRICANO» deu a conhecer Noémia de Sousa. Ela não tinha nada para fechar a página e recorre a um trabalho seu que era um poema. Poe-lhe um N.S. e o poema sai. Foi uma surpresa e um alvoroço. Quando os colegas lhe perguntavam se era ela a autora do poema, não se desconfia. Até que um dia o mistério desvendou-se. «Era ela própria, Carolina Noémia de Sousa, que eu ternamente chamo de Carol e que para o ofício de poeta escolheu Noémia de Sousa. Foi um momento importante para nós. De descoberta e de reconhecimento mútuo.»

#### «ISTO É HISTÓRIA»

A geração de Craveirinha foi marcada com reivindicações e protestos contra a «ordem estabelecida». Uma luta difícil. Clandestina. Convívios. Discussões sobre os problemas da terra.

Há um grupo que desponta da qual se destaca a Noémia, a Dolores, o Ricardo Rangel, o João Mendes. E paralelamente o Fonseca Amaral, os três Ruis: o Rui Guerra, o Rui Knopfli e o Rui Guedes.

Desse tempo há um nome que «seria uma injustiça esquecer, o Cassiano Caldas. Ele sempre, muito discretamente, deu-nos a mão. Começa daí uma determinada trajectória já política.»

E como é que se manifestou? «Começa com a adesão à chamada oposição encabeçada por democratas portugueses contra

o salazarismo. Distribuíamos panfletos. Devo dizer que foi uma espécie de sarampo que me deu porque, embora mantendo os laços com esse grupo de democratas, achei que ainda não era aquilo que queria. Não podia ser aquilo. E de facto não era. Era muito mais.»

Há um salto cronológico na nossa conversa. Fala-se, de repente, dos momentos vividos logo após o 25 de Abril quando ressurgem os democratas e ele é solicitado por figuras representativas dessa oposição a colaborar com a organização.

«Al sou preemprório: Não se trata de estar ou não com os democratas. Em pleno 25 de Abril o problema é Frelimo. Isso não foi bem recebido por certos democratas...»

Não me arrependo e, ainda bem, do que disse quando estive cá uma proeminente personalidade política da Junta de Salvação Nacional — alta patente militar portuguesa — que quis um encontro com os militantes da Frelimo. Foi uma solicitação de urgência e uma entrevista de emergência.»

Cala-se por momentos. Olha para mim e com o dedo levantado exclama:

«Isto é História!... Entrámos pelas traseiras para que não fôssemos conhecidos. Eu, o Rogério Djaavana e o Malangatana, pois não foi possível encontrar outros militantes naquele momento e... fomos pura e simplesmente convidados — veja-se a subtilidade — a formar um Partido moçambicano. Um partido que, como ele disse, podia ter os mesmos princípios que a Frelimo mas que não se chamasse Frelimo e que mais tarde, na altura de um eventual referendo, poderia até apoiar a Frelimo. É claro que veio ao de cima a tal universidade das vivências. Fomos bastante explícitos em responder que não havia necessidade de criar outro partido porque já existia: a Frelimo. Então a personalidade disse: agradeço a vossa franqueza e peço então que vão pessoalmente transmitir aos vossos dirigentes que estamos na disposição de entrar em conversações.»

Foi assim que um grupo de militantes se deslocou a Dar-es-Salaam para transmitir o desejo do então Governo Português de entabular conversações com a Direcção da Frelimo.

«Aqui, em Lourenço Marques, houve logo quem muito pressurosamente nos quizesse vestir a

pele de emissários do governo português. Nós compreendemos. Ainda alguns indivíduos continuam a utilizar artimanhas para colocar os outros numa posição de incoerência em face da independência, em face da própria Revolução, em face da existência da Frelimo.»

E num tom de desabafo, Craveirinha afirma: «É bom às vezes termos estas oportunidades para esclarecer algumas boas vontades que persistem em querer estabelecer a confusão...»

Fala-me agora do processo que levou alguns intelectuais moçambicanos a tribunal no ano de 1966. A seu favor levantaram-se as vozes dos advogados progressistas de Lourenço Marques.

«Nós fomos levados e bem, a tribunal, pois pertencíamos à Frelimo e tínhamos actividades de carácter político no sentido de transformar a colónia num país. Nós e outros mais como seja o Rui Baltazar que apenas por um triz não é igualmente incriminado.»

#### «O QUE ESTÁ EM CAUSA É O HOMEM.»

Peço-lhe que volteemos à poesia.

«Nós nunca deixámos de falar na poesia. A poesia quando surge aqui e ela tem lugar na colónia e continua a ter lugar na nação, ela é política. Ela insere-se num panorama político e não se pode dissociar. O que está em causa é o Homem. O Homem, as suas preocupações, as suas reivindicações e os seus ideais. Postos de que forma? Uns põem no gatilho, outros põem no papel.»

O poeta e o Homem constituem uma unidade. Não há o Homem político e o Homem poeta. De facto há poetas líricos, mas também há muitos líricos que não são poetas e infelizmente têm-los e alguns camuflados de políticos. Mas são líricos...»

A poesia de José Craveirinha levou tempo a conhecer o livro. «Xigubo», o primeiro, teve a sua publicação em Lisboa em 1964, numa edição «fantasma» da Casa dos Estudantes do Império, publicada por estudantes que no dizer do J.C. «já tinham em si o germe da rebelião». O livro foi apreendido e constituiu uma das peças de acusação no julgamento do poeta no tribunal militar. O segundo livro, o «Karingana Wa Karingana», apareceu dias depois do 25 de Abril, mais precisamente no dia 1 de Maio de 74. «Karingana Wa Karingana é um livro que devia ter aparecido antes do 25 de Abril, mas a editora hesitou porque "há aqui coisas, há partes que vão dar chatices." Essa hesitação desapareceu com o 25 de Abril e o livro aparece sem o prefácio, escrito pelo meu velho companheiro de luta Rui Nogar.»

O «Karingana Wa Karingana» foi reeditado há pouco e traz o prefácio que refere. Poderei chamar alterações ou melhoramentos aos poemas, o que o livro contém hoje?

«Não sei se serão de facto «Não sei se serão de facto melhoramentos. Mas é vulgaríssimo em literatura reeditada haver alterações. Temos o exemplo desse admirável livro de contos de Luís Bernardo

Honwana, «Nós Matámos o Cão Tinhoso», em que o autor teve a necessidade de mexer no texto porque há sempre a preocupação de aperfeiçoar. O que é fundamental é que não haja uma traição ao conteúdo.»

E o «CELA 1» escrito na prisão e publicado há pouco?

«O CELA 1 não inclui alguns poemas. Não sei se houve extravio ou não, o que é certo é que não figuram alguns poemas. Naturalmente que ficarão para uma segunda edição, se houver.»

E os próximos? Como vão as coisas?

«O próximo livro já está numa editora, a Sá da Costa, e o seu título era NGOMA, mas depois de este nome aparecer em várias rubricas culturais resolvi alterar e será, POEMAS. Há outro livro que, penso e devo concertar sair a lume, cujo título é MARIA. É uma muito pequenina homenagem à minha mulher pelo muito que representou e ainda representa naquilo que fui e naquilo que sou. Uma mulher que teve um papel preponderante na minha vida. Não está mas continua. Porque é impossível não estar presente depois do muito que sofreu e viveu para que outros, principalmente eu, estivessem a usufruir este direito de sermos cidadãos de um país livre.»

À despedida, a pergunta inevitável a um poeta maior: José Craveirinha, se tivesse que aconselhar um poeta jovem como faria?

#### «QUEREMOS QUE HAJA MAIS PARA QUE CONSTITUAMOS UMA FRENTE.»

«Sou assediado por jovens que têm esta ou aquela tentativa, como eu tive, como todos tiveram as suas tentativas literárias e devo dizer que é das coisas mais terríveis que podem acontecer porque, às vezes, por uma questão de honestidade, de respeito para com o próximo devemos dizer-lhe: Escolha outra actividade, esta não.»

Isto às vezes surge como um acto de crueldade. Devo dizer que aconteceu-me umas duas vezes a minha franqueza ter sido mal interpretada. Não me arrependo da franqueza, mas lamento a interpretação. Houve até há uns anos, uma moça que a propósito da minha franqueza chegou a deixar de me falar e a propalar que eu me tinha manifestado em relação às suas tentativas, a que ela chamava poemas, com um acinte de inveja.»

De novo a pausa. Serena e calmamente retoma o fio da meada.

«Não há que ter inveja. Pelo contrário, queremos que haja mais para que constituamos uma frente. É uma frente não se faz com uma minoria sem expressão... Claro que não é possível pôr a questão em termos de massificação, como se literatura possa ser uma espécie de futebol. Não é possível aparecerem tantos poetas como aparecem futebolistas. Mas também é claro que não vamos considerar o exercício da literatura como um privilégio de alguns e uma actividade inacessível ao comum dos cidadãos, seja lá qual for a origem, e até sem estarmos preocupados com a correcta redacção da língua portuguesa. Porque é possível ser-se poeta numa língua que não se domina, pois que lá está o conteúdo.»

As ideias têm sempre uma matriz, a da língua que o poeta domina melhor, na qual pensa, na qual concebe. O redigir é outra coisa. Se isso fosse lei teríamos que considerar que os analfabetos não podem ser poetas. E podem...»

Claro que podem. Obrigado José Craveirinha por esta conversa. Foi um prazer ouvi-lo. Sobretudo pelo que disse e

como o disse. O que ficou por dizer (e como há tanto) que não guarde sómente para as memórias.

#### «VOU MORRER MILIONÁRIO DE COERÊNCIA»

Vai comigo, à boleia, no carro do jornal até ao Parque dos Continuadores onde todos os dias assiste aos treinos de atletismo.

É um dos membros do Comité Olímpico Nacional. Sempre foi um homem do desporto.

Durante a viagem fala-me da nova geração de escritores moçambicanos. Diz-me que se sente feliz por eles existirem mas que prefere não citar nomes porque a «Associação dos Escritores Moçambicanos» do seu tempo os revelará.»

Despedimo-nos. Como que a recordar-se de algo, atalha:

«Nasci pobre e vou morrer pobre naquelas coisas em que alguns fazem questão em morrer ricos.

Eu vou morrer milionário de coerência.»



Num dos cantos da estante um capacete de administrador colonial e um colifórmelmo de cipião